

CORREIO NO MUNDO

Daniel Torok/ Casa Branca



Omã estaria negociando parceria com Teerã

Trump ameaça explodir aliado se 'não se comportar'

O presidente Donald Trump, disse nesta quarta-feira (27) que ainda não está satisfeito com os termos de um possível acordo com o Irã e afirmou que os Estados Unidos não estão discutindo o alívio das sanções contra o país. Falando a repórteres durante uma reunião de gabinete na Casa Branca, Trump voltou a fazer ameaças contra o regime iraniano. "O Irã está muito determinado, eles querem muito fazer um acordo. Até agora, não chegaram lá... não estamos satisfeitos com isso, mas estaremos. Estaremos ou teremos que simplesmente terminar o trabalho", disse o republicano.

As negociações entre os dois países seguem estagnadas com a discussão sobre o controle do estreito de Hormuz.

EUA voltaram a atacar o Irã

E também pelo programa nuclear iraniano. Apesar da extensão do cessar-fogo estabelecido em 8 de abril, os EUA voltaram a atacar o Irã na segunda-feira (25), alegando autodefesa e sofrendo novas ameaças de retaliação. Donald Trump disse nesta quarta-feira (27) que a intenção desta ação é que um possível acordo com Teerã abra o estreito imediatamente, sem ser controlado por um país específico.

Foto de Ramaz Bluashvili/Pexels



Casa Branca não respondeu sobre falas de Trump

Supervisão sem controle dos EUA

"Vamos supervisionar, mas ninguém vai controlar. Isso faz parte da negociação que temos. Eles gostariam de controlar. Ninguém vai controlar. São águas internacionais, e Omã vai se comportar como todo mundo ou teremos que explodi-los", afirmou o presidente. O Irã vem discutindo uma parceria com Omã —um aliado dos Estados Unidos— sobre um sistema que cobraria taxas das embarcações que passam pelo estreito, ignorando os alertas feitos pelo governo Trump contra exigências de pagamento para atravessar a importante via marítima internacional.

Casa Branca não respondeu

Na semana passada, em meio às discussões com Omã, a recém-criada Autoridade do Estreito do Golfo Pérsico do Irã publicou nas redes sociais que havia "definido os limites da área de supervisão de gestão do estreito de Hormuz" e que a passagem exigiria uma permissão. A Casa Branca não respondeu a um pedido de comentário sobre a declaração de Trump, tampouco a embaixada de Omã em Washington.

Mortos no Líbano I

De acordo com o Ministério da Saúde libanês, mais de 3.200 pessoas morreram desde o início dos ataques de Israel ao Líbano, e mais de 1,2 milhão foram deslocadas pelo conflito desde que o Hezbollah se juntou à reação do Irã aos ataques de Israel e Estados Unidos, no fim de fevereiro.

Mortos no Líbano II

A facção xiita apoiada por Teerã, por sua vez, disse nesta quarta-feira (26) que travou combates próximos com o Exército israelense na cidade de Zawtar al-Sharqiyah, na margem norte do rio Litani e cerca de 10 km da fronteira com Israel. Delegações dos dois países têm se reunido sob mediação do governo de Donald Trump em Washington.

Vivos na caverna

Cinco das sete pessoas que ficaram presas na última semana em uma caverna inundada no Laos foram encontradas com vida nesta quarta-feira (27), informaram equipes de resgate laocianas e tailandesas. Os socorristas ainda disseram que seguem as buscas pelas outras duas pessoas desaparecidas.

Busca por ouro

Sete moradores do Laos entraram na caverna na província central de Xaysomboun, a cerca de 125 km da capital Vientiane, em 20 de maio, informou a mídia estatal. Autoridades estimaram que o grupo ficou preso a mais de 100 metros da entrada da caverna, em uma área profunda e de difícil acesso. Eles estavam procurando ouro, mas ficaram presos dentro do local.

Água abaixo

Depois que fortes chuvas provocaram uma enchente repentina, a água bloqueou a saída. Autoridades e moradores locais trabalharam para bombear a água para fora da caverna, mas as equipes de resgate ainda não tinham conseguido chegar ao grupo até esta quarta. Durante a manhã, o nível da água na caverna havia baixado.

Fé funcionou

Socorristas, autoridades e moradores se reuniram do lado de fora da caverna na manhã de quarta, antes da retomada das operações, para realizar uma cerimônia espiritual tradicional, oferecendo galinhas e álcool de arroz aos espíritos sagrados que protegem a montanha e os socorristas, informou um grupo de resgate.



Trégua não parou ataques tanto de Israel como do Hezbollah

Israel expande ataques ao Líbano

Israel cumpriu ameaças a despeito de cessar-fogo

Guilherme Botacini (Folhapress)

As Forças Armadas de Israel declararam todo o território do Líbano ao sul do rio Zahrani uma "zona de guerra", nesta quarta-feira (27), cobrindo como espaço potencial de operações aéreas e terrestres uma área inédita neste século e que vai além da que ocupou de 1982 a 2000.

"O Exército de Israel não está tirando o pé do acelerador. Pelo contrário, eu disse para acelerar ainda mais", havia dito na segunda-feira (25) o primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu.

A expansão das operações foi anunciada pelo porta-voz em língua árabe do Exército israelense, Avichay Adraee, acompanhada de uma ordem de retirada de todos os habitantes ao sul do rio, incluindo cidades maiores e até então fora da zona de exclusão, como Tiro, na costa, e Nabatieh, esta já além do rio Litani —ambas atingidas pelos novos ataques.

A divisa geográfica do rio Litani é o limite ao sul do qual se retiraram as forças de Israel após a invasão no início da década de 1980 e da ocupação do território libanês; é também ao sul desse rio que ainda opera a frágil missão da ONU (Unifil), cujo mandato termina no fim do ano sem resultados esperados e sem renovação prevista.

As ordens para que civis se retirem para o norte do rio Zahrani, portanto, indicam nova fase do conflito entre Israel e o Hezbollah,

o que sugere planejamento e disposição de Tel Aviv de ampliar sua presença militar em uma área ainda maior do território vizinho —e apesar de um cessar-fogo em vigor desde o dia 17 de abril, mas apenas no papel.

Os dois lados desrespeitam a trégua com ataques que têm aumentado gradativamente e já vêm ocorrendo nessa área desde o início do cessar-fogo.

Segundo o Centro Alma, grupo de pesquisa de Israel que se dedica às fronteiras norte do país e têm relações com o Exército, Tel Aviv lançou 784 ataques aéreos fora da zona de exclusão, de cerca de 570 km², segundo o jornal britânico Financial Times.

A área é uma faixa dentro de território libanês também chamada de "linha amarela", assim como a divisa semelhante criada na Faixa de Gaza durante a trégua no território palestino. Apenas 78 bombardeios ocorreram dentro da zona libanesa.

Por outro lado, também segundo o Centro Alma, o Hezbollah atacou forças israelenses ou comunidades no norte de Israel 545 vezes desde a trégua, a grande maioria desses ataques operados com drones. Dez soldados israelenses foram mortos, segundo Tel Aviv.

Enquanto Netanyahu anunciava o aprofundamento das operações no Líbano no início da semana, Beirute afirmava que novos ataques de Israel mataram ao menos 31 pessoas em 24 horas.